

03/05/2025

SOLARPUNK O que é e por que é tão ESCASSO na FICÇÃO CIENTÍFICA Futurices

00:00:02

A ficção científica adora imaginar o futuro, e essa vontade de prever o amanhã sempre foi uma coisa que atiçou a curiosidade de muita gente. O único problema é que no sci-fi, esse amanhã quase sempre é representado assim.

00:00:26

Sim, Neil pode acreditar, porque se tem punk no nome, tem gente se ferrando nessa brincadeira. No cyberpunk, por exemplo, corporações transformam um mundo num pesadelo tecnológico, e as pessoas não passam de engrenagens descartáveis em um sistema dominado pelo lucro e pela vigilância. No biopunk, a manipulação genética saiu do controle e agora tem gente nascendo com cinco braços ou com um olho no meio do joelho, e no dieselpunk a estética é linda, mas o mundo está atolado em uma guerra infinita, movido a óleo e fumaça. Ou seja, nesses subgêneros, parece que a única certeza que a gente tem sobre o futuro é que ele vai ser um desastre completo. Mas e se não fosse? E se existisse um subgênero onde a tecnologia e a natureza se complementam ao invés de se destruírem? Onde a sociedade não virou um grande jogo de sobrevivência, mas sim um lugar sustentável, cheio de comunidades autossuficientes e energia limpa? Pois é, esse futuro existe, pelo menos na ficção, e o nome dele é Solarpunk. Mas

00:01:31

por que será que quase ninguém fala sobre ele? Por que, enquanto o cyberpunk domina livros, filmes e jogos, o solarpunk mal existe na cultura pop? Será que a gente simplesmente não consegue acreditar em um futuro que dá certo? É pensando nisso que hoje a gente vai mergulhar no Solarpunk, entender a sua origem, seus poucos exemplos no Sci-Fi, e discutir porque o pessimismo parece ser muito mais lucrativo do que a esperança.

00:02:00

E aí, pessoas! Tudo bem com vocês? Meu nome é Bella Eichler e eu sou a Futurice. Já deixa o seu like e inscrição agora no comecinho se você não foi inscrito para mais conteúdo sobre Sci-Fi e para apoiar meu trabalho também. E hoje a gente vai falar sobre um dos subgêneros mais raros e mais otimistas também da ficção científica. Mas antes da gente sair chamando qualquer prédio com umas prantinhas de solar punk, bora entender direitinho o que realmente define esse movimento.

00:02:31

Se a ficção científica já imaginou de tudo sobre o futuro, então por que a gente quase nunca vê um mundo que realmente deu certo? Parece que antes mesmo de surgir um herói enfrentando desafios,

o futuro já precisa vir com um tom de alerta, como se a única escolha que restasse fosse decidir qual apocalipse a gente prefere. O cyberpunk faz isso mostrando cidades hiperconectadas e decadentes, cheias de poluição, megacorporações e rebeldes solitários tentando sobreviver no meio do caos tecnológico. Mas e se, em vez desse futuro horroroso, a gente imaginasse algo completamente diferente? No solarpunk, parte da ideia é que a humanidade conseguiu superar questões já bastante atuais e preocupantes, como o colapso ambiental, o consumismo desenfreado e a desigualdade extrema. Apesar disso, ele não propõe um mundo perfeito, e sim um mundo que aprendeu a funcionar de um jeito mais inteligente. Aqui, as cidades não são selvas de concreto sufocadas pela poluição, mas sim ecossistemas vivos, onde prédios

00:03:30

cobertos de vegetação ajudam a purificar o ar e geram a própria energia. As ruas são pensadas para pessoas, não para o trânsito, com transporte coletivo eficiente, ciclovias e espaços integrados à natureza. Até as casas seguem essa lógica, já que, em vez de consumir recursos sem parar, elas captam energia solar, reaproveitam a água da chuva, ajustam a temperatura interna para serem mais eficientes e ainda têm uma integração funcional e estética com o verde e com a natureza. Um sonho de qualquer pai de planta. Mas não é só sobre estética e sustentabilidade. Sabe, o Solarpunk vai além de criar cenários bonitos ou equilibrar tecnologia e natureza, porque ele também propõe um novo estilo de vida mesmo. Diferente de mundos distópicos, onde é cada um por si na hora de sobreviver, aqui a sociedade se organiza de forma descentralizada, priorizando colaboração ao invés de competição. Então não existe mais essa lógica de que o progresso precisa vir às custas de alguém. Os recursos são gerenciados

00:04:27

de forma coletiva, e as cidades são planejadas para serem sustentáveis de verdade, sem depender de um modelo econômico que explora até a última gota do planeta. Além disso, se no cyberpunk o futuro é um caos hiperindustrializado, onde tudo é descartável e produzido sem pensar nas consequências para o planeta, no solarpunk o consumo segue uma lógica completamente diferente, porque os produtos são feitos para durar mesmo, usando materiais biodegradáveis e processos que minimizam os danos ao meio ambiente. As roupas, por exemplo, não seriam feitas de algodão cultivado com litros e litros de água desperdiçada, nem de tecidos sintéticos que demoram séculos para se decompor. Elas seriam tecnológicas, sustentáveis e funcionais. Algo como uma blusa que não precisa ser passada, economizando energia. Que não desbota nas lavagens, durando muito mais tempo do que uma peça comum. Que tem conforto térmico, ajudando a regular a temperatura do corpo. E que ainda é anti-odor, desfavorável à proliferação

00:05:22

de bactérias. E se parece bom demais pra ser verdade, bem -vindo ao futuro, porque essa blusa já existe. E é da Insider, uma marca que segue exatamente essa lógica sustentável. desde a escolha dos materiais até o descarte dos produtos. Pois é, a Insider usa tecidos tecnológicos como o Modal, que vem da madeira de reflorestamento, reduzem o consumo de água na produção, usam energia renovável e ainda fazem embalagens com selo Eurociclo. Ou seja, basicamente, se a moda como um todo seguisse esse caminho, a gente estaria um passo mais perto de um mundo solar punk de verdade. E é por isso que, pra mim, é muito importante ter uma marca como a Insider por aqui. E se você também quer apoiar esse futuro e, de quebra, apoiar o canal também, Use o meu cupom FUTURISTES lá no site da Insider para ganhar 12 % de desconto. O link tá na descrição, então corre lá porque além de tudo as peças são muito bonitas, minimalistas, duráveis e atemporais. Roupas tecnológicas que fazem sentido tanto pro presente

00:06:14

quanto pro futuro.

00:06:31

Bom, mas de onde veio a ideia do Solarpunk? Como surgiu esse conceito de um futuro sustentável e por que ele carrega esse nome? O solar aqui tem dois significados. No mais óbvio, ele representa energia renovável, o uso do sol e de outras fontes limpas para substituir os combustíveis fósseis que estão lascando o nosso planeta pouco a pouco. Mas o solar aqui não é só sobre energia renovável, ele também tem um lado simbólico e representa um novo caminho, uma luz num futuro que até agora sempre foi retratado como extremamente sombrio. Uau, que bonito. Bom, já o punk, como eu falei, se tem punk no nome, tem gente se dando mal, né? Mas então, como esse conceito se encaixa em um subgênero que, em vez de colapso e caos, imagina um futuro otimista e funcional? Na verdade, é que punk não só significa rebeldia contra um sistema opressor, como no caso do cyberpunk, mas sim uma resistência contra a ideia de que o futuro precisa ser um inferno na Terra pra ser realista. Então, se no cyberpunk a luta

00:07:29

é contra um mundo onde a tecnologia virou ferramenta de opressão, no solarpunk a revolta é contra um sistema que convenceu a gente de que a destruição do planeta planeta é inevitável. O subgênero recusa a ideia que crescer significa explorar os recursos do planeta até o limite e que qualquer alternativa ao consumismo desenfreado e à desigualdade extrema é impossível. Apesar disso, o Solarpunk não nega que esses problemas existem, tá? Ele só não enxerga que esse seja o único caminho. E quanto à origem do subgênero, dá pra dizer que o Solarpunk começou a tomar forma lá em 2008, quando o blog Republic of the Bees publicou um artigo chamado from steampunk to solarpunk, propondo a ideia de um subgênero que unisse tecnologia e ecologia. A partir daí o conceito foi se espalhando e em 2012 o Brasil, acredite se quiser, se tornou um dos primeiros

lugares a explorar essa ideia na literatura, com a antologia solarpunk, histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável, que mais tarde foi

00:08:25

traduzida para o inglês. Apesar disso, a raiz dessa ideia pode ser bem mais antiga do que parece. Se

00:08:35

a gente voltar no tempo, lá no final do século XIX, um urbanista chamado Ebenezer Howard já estava preocupado com cidades cinzentas, poluídas e sufocantes por causa da Revolução Industrial.

Naquela época, grandes metrópoles como Londres eram basicamente um pandemônio. Fábricas despejavam toneladas de fuligem no ar, rios viravam esgotos a céu aberto e as ruas eram lotadas de cortiços apertados, sem ventilação e sem saneamento básico. Foi daí que Howard propôs as famosas cidades-jardim, um modelo de urbanismo que equilibrava áreas urbanas e naturais, criando comunidades planejadas para evitar justamente esse caos industrial. Ele imaginou cidades menores e descentralizadas, cercadas por áreas verdes e conectadas por transportes eficientes, onde habitação, trabalho e lazer coexistem em harmonia. Exemplos reais dessa ideia surgiram em lugares como Letworth e Wellingarden City, na Inglaterra, que foram construídas seguindo esse princípio e serviram de inspiração para várias cidades pelo mundo.

00:09:35

Na verdade, até no Brasil existem cidades que se inspiraram de alguma forma nos modelos das cidades-jardim, como Goiânia, Palmas, Maringá e Brasília, que é o meu quadrado natal. O mais curioso é que essa proposta influenciou tanto o desenvolvimento de cidades reais quanto a própria estética solarpunk, que basicamente leva esse conceito para um futuro onde a tecnologia de ajuda ao invés de atrapalhar. Então, enquanto as cidades de jardim ainda dependiam de uma lógica urbana tradicional, com limites rígidos entre áreas verdes e zonas urbanizadas, o Solarpunk imagina uma fusão completa, com prédios e residências verdes, transporte coletivo movido a energia limpa, além de um urbanismo pensado para as pessoas, e não para os carros. É o tipo de cidade que a gente já viu em pequenos experimentos pelo mundo, como em Almírie, na Holanda, uma cidade planejada sobre terras recuperadas do mar, que combina bairros sustentáveis, agricultura urbana e muita área verde integrada ao espaço urbano. Outro

00:10:31

exemplo são comunidades como Auroville, na Índia, que desde os anos 60 tenta criar um modelo de sociedade mais colaborativo e sustentável, com arquitetura ecológica e economia baseada no compartilhamento de recursos. Porém, foi só em 2014 que o Solarpunk realmente começou a ganhar identidade, quando uma postagem no Tumblr ajudou a definir a sua estética, inspirando o manifesto solarpunk Notes Toward a Manifesto do Adam Flynn. Desde então, o solarpunk passou a

ser entendido não só como um subgênero da ficção científica, mas também como uma proposta de um futuro mais equilibrado entre a humanidade, a tecnologia e a natureza. Mas se esse conceito parece tão interessante, por que ele ainda não dominou a ficção científica? Será que o problema é simplesmente que o otimismo não vende tão bem quanto o pessimismo? A resposta pode estar justamente na forma como a gente consome histórias. A ficção científica sempre teve um pezinho no pessimismo, porque esse tipo de narrativa é, acima de tudo, um alerta.

00:11:28

O cyberpunk, por exemplo, pega preocupações do presente, como o avanço descontrolado da tecnologia, o poder das megacorporações e a vigilância extrema, e extrapola tudo isso até um futuro onde essas ameaças atingiram o seu ápice. A questão é que esse tipo de história gera um impacto emocional forte. Medo e indignação são sentimentos poderosos e viciantes, e a gente sente uma espécie de catarse ao ver um futuro que parece inevitável sendo mostrado em tela. De certa forma, consumir distopias dá uma sensação de preparação, como se a gente estivesse treinando psicologicamente para um colapso que já está batendo ali na porta. O Solarpunk, por outro lado, exige um exercício de imaginação completamente diferente, porque ele não quer alertar a gente sobre o pior cenário possível, mas sem mostrar possíveis soluções. Isso pode ser um problema do ponto de vista narrativo, porque um mundo que funciona bem tem menos conflitos dramáticos. Afinal, grande parte das histórias punk que a gente consome gira

00:12:23

em torno de um protagonista passando perrengue, um sistema opressor ou uma grande ameaça. Então, se o solar punk parte do princípio de que a humanidade conseguiu superar muito dos nossos problemas, qual seria o grande conflito aqui? Que a sucubina do protagonista tá doente? Que o painel solar do cara tá com defeito. Bom, outro fator que pesa contra o solarpunk é que ele exige um esforço maior de suspensão de descrença também. Quando a gente vê um futuro cyberpunk, cheio de tecnologia exagerada e corporações controlando tudo, o subgênero ainda parece uma continuação natural do que a gente vive hoje. O solarpunk, por outro lado, imagina uma revolução completa, onde o sistema econômico, os valores sociais e a forma como as cidades se organizam mudaram radicalmente. E tudo isso parece menos crível, porque a gente nunca viu nada parecido acontecer em grande escala. Além disso, existe o fator de interesse do público e da indústria do entretenimento. Afinal, é muito mais legal ver um blockbuster

00:13:17

em que um cara com roupa de couro luta contra máquinas do mal do que um pessoal brincando de fazendinha, né? Dificilmente algo assim empolgaria investidores de Hollywood. E eu acho que esses são alguns dos principais motivos do porquê, quando o Solarpunk aparece na cultura pop, ele quase sempre vem acompanhado de alguma distopia. Um exemplo disso é o próprio WALL-E, da Disney

Pixar, que faz um mix de cyberpunk com solarpunk bem sutil. No filme, o planeta já era, virou um lixão gigante graças ao hiperconsumo, até que a humanidade decide simplesmente ir embora. Os sobreviventes se escapam para um cruzeiro espacial luxuoso, mas a solução está longe de ser sustentável, porque lá o consumo continua desenfreado, só que agora de forma ainda mais monopolizada. presos em um ambiente onde tudo é automatizado e cada necessidade é atendida sem esforço, os humanos se tornam passivos, desossados e dependentes de um sistema que só existe para perpetuar esse ciclo. Só que no fim das contas a Terra não

00:14:12

estava completamente condenada, e quando a humanidade finalmente resolve fazer algo direito, surge a esperança de reconstruir o planeta de um jeito mais sustentável. Mas, curiosamente, essa parte otimista ocupa só o finalzinho ali do filme, e o que realmente prende o público é o cenário apocalíptico da história, além dos personagens fofinhos. Então, querendo ou não, é inegável que o pessimismo gera mais impacto, enquanto o otimismo exige um investimento maior na construção de narrativas envolventes. Mas isso não significa que não existam boas tentativas de explorar o solarpunk.

00:14:48

Um exemplo interessante, ao mesmo tempo bastante irônico, é o curta -metragem Dear Alice, dirigido pelo Bjorn Erik Aschen. Ele apresenta pra gente um mundo onde a tecnologia tá em em sintonia com a natureza, sem aquela estética fria e estéreo do futurismo tradicional. A gente vê aqui fazendas exuberantes, energia limpa sendo gerada de maneira quase orgânica e uma comunidade interconectada por tecnologia discreta e funcional. Além disso, a informação e o entretenimento aparecem em hologramas sutis integrados ao ambiente e até os robôs, que normalmente aparecem como símbolos do caos, desempenham aqui funções práticas sem dominar a cena. Outro ponto é que as pessoas aqui vivem em comunidade, compartilhando momentos, responsabilidades e construindo um ambiente verdadeiramente coletivo. O detalhe curioso é que Dear Alice foi originamente criado como um comercial de uma marca de iogurtes, o que pode parecer uma contradição à primeira vista, né? Afinal, temos aqui um futuro solarpunk sendo usado

00:15:44

para promover um produto dentro do próprio sistema que esse subgênero questiona. Mas, ironias à parte, a marca tem um foco em sustentabilidade, cidade, o que alinha, ao menos em parte, com essa visão de mundo mais equilibrado, fora que no fim o Kurta consegue capturar algo essencial do solarpunk, que é a ideia de um futuro onde a tecnologia e o meio ambiente coexistem, sem precisar de um colapso para isso acontecer. Outro exemplo bem interessante de solarpunk é Wakanda, de Pantera Negra, um lugar que prova que dá pra ter tecnologia de ponta, sem transformar tudo num pesadelo cinza e sem vida. A cidade é um modelo de urbanismo sustentável, com uma integração

harmoniosa entre alta tecnologia e meio ambiente, construções que respeitam o relevo natural, energia limpa e um estilo de vida que não depende do hiperconsumo. Apesar disso, Wakanda não se encaixa completamente no conceito solarpunk, porque a prosperidade da cidade vem do acesso exclusivo ao vibranium, um recurso limitado que mantém

00:16:41

a sociedade isolada e inacessível ao restante do mundo. O Solarpunk, por outro lado, defende um futuro descentralizado e acessível para todo mundo. Outro filme que toca em algumas ideias Solarpunk é Náuzyca do Vale do Vento, do estúdio Dibli. A história se passa em um mundo devastado por catástrofes ambientais, mas a protagonista não busca restaurar a civilização industrial, e sim criar um novo equilíbrio entre humanidade e natureza. Diferente da abordagem tradicional do sci-fi, onde a tecnologia geralmente resolve tudo, Náuzyca propõe que conhecimento e empatia sejam tão ou mais importantes que avanços tecnológicos, e essa visão regenerativa de um futuro sustentável dialoga diretamente com o solarpunk. Já Tomorrowland, da Disney, tenta imaginar um futuro positivo, onde a inovação tecnológica levou a um mundo utópico cheio de invenções sustentáveis e cidades que parecem saídas de ilustrações dos anos 50 sobre o futuro promissor. O problema é que o filme recai sobre a velha ideia do gênio

00:17:37

escolhido que precisa salvar o mundo e tal, tirando a ideia de transformação coletiva que o Solarpunk propõe. Além disso, o filme imagina um mundo melhor, mas também fechado pra poucos, né, acessível só pra uma elite de inventores e mentes brilhantes, e aí não rola, né, Tomorrowland. Então o que dá pra perceber é que no geral essas obras capturam partes do conceito Solarpunk, mas quase sempre sem mergulhar completamente nele. Ou a estética tá presente, mas a sociedade ainda funciona dentro de um modelo elitista descentralizado, ou a história precisa primeiro mostrar um colapso antes de surgir um futuro minimamente sustentável. E talvez essa seja a maior barreira do Solarpunk, afinal ele pede que a gente acredite em um futuro que não precisa surgir do colapso, um futuro onde as coisas simplesmente funcionam. Só que a gente tá tão acostumado a enxergar o amanhã como um desastre inevitável que imaginar uma solução parece mais difícil do que aceitar o problema. Mas, se o sci-fi tem esse poder

00:18:32

de moldar a forma como a gente enxerga o futuro, talvez esteja na hora de começar a contar histórias diferentes. Não histórias ingênuas que ignoram os desafios, mas histórias que mostrem que existe sim uma luz no fim do túnel, algo pelo qual vale a pena lutar. Que mostre que o mundo sustentável não precisa ser só uma imagem bonita no Pinterest, que a tecnologia pode ser uma grande aliada e que o otimismo, no fim das contas, pode ser tão revolucionário quanto qualquer distopia bem construída. Mas e aí, será que a gente está pronto para um futuro que dá certo? Me

conta aí embaixo o que você acha sobre tudo isso E se você curtiu esse vídeo, não esquece do seu like e da inscrição que ajuda um montão Um beijo e a gente se vê no futuro Um futuro bonito De preferência